



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 1
jan-jun.2023
p. 378-404

Efeitos da homofobia na saúde mental de jovens que se experienciam como homens homossexuais

(Effects of homophobia on the mental health of youth who experience themselves as homosexual men)

(Efectos de la homofobia en la salud mental de jóvenes que se experimentan como hombres homosexuales)

Ramon Roberto Martins¹
Zuleica Pretto²

RESUMO: Esta pesquisa buscou compreender as implicações da homofobia na saúde mental de jovens universitários que se experienciam como homens homossexuais. As vivências permeadas pelo preconceito homofóbico se mostram potenciais geradoras de sofrimento para esse grupo populacional que transgride o status quo de heterossexualidade, estruturalmente instalada nas modernas sociedades ocidentais. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com jovens autodeclarados homens homossexuais, estudantes de graduação em universidades do sul do Brasil. Os relatos foram analisados pela teoria sartriana, em diálogo com estudos contemporâneos críticos sobre gênero e sexualidade. Como resultado, observou-se a existência de violências homofóbicas destinadas a estes corpos, dentro das famílias e também fora destas, mediando a episódios de sofrimento psicológico na biografia da maior parte dos entrevistados, além de resistências a estas violências, pela reafirmação de seus modos de ser.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidade; homofobia; masculinidades; saúde mental; existencialismo sartriano.

Abstract: This research sought to understand the implications of homophobia on the mental health of university students who experience themselves as homosexual men. Experiences permeated by homophobic prejudice are shown to be potential generators of suffering for this population group that transgresses the status quo of heterosexuality, structurally installed in modern western societies. For this, semi-structured interviews were carried out with young people self-declared as homosexual men, students from universities from Southern Brazil. The reports were analyzed by Sartre's theory, in dialogue with critical contemporary studies on gender and sexuality. As a result, the existence of homophobic violence aimed at these bodies was observed, both within and outside families, mediating episodes of psychological discomfort in the biography of most of the interviewees, in addition to resistance to this violence, through the reaffirmation of their ways of being.

Keywords: homosexuality; homophobia; masculinities; mental health; sartre's existentialism.

Resumen: Esta investigación buscó comprender las implicaciones de la homofobia en la salud mental de estudiantes universitarios que se experimentan como hombres homosexuales. Vivencias permeadas por prejuicio homofóbico se muestran potenciales generadoras de sufrimiento para esta población que transgrede el statu quo de la heterossexualidad, estructuralmente instalada en las sociedades occidentales modernas. Para eso, se realizaron entrevistas semiestructuradas con jóvenes autodeclarados hombres homosexuales, estudiantes de universidades del sur de Brasil. Los informes fueron analizados por la teoría sartreana, en diálogo con estudios críticos contemporâneos sobre gênero y sexualidad. Al final, se observó la existencia de violencia homófoba dirigida a estos cuerpos, tanto dentro como fuera de las familias, mediando episodios de malestar psicológico en la biografía de la mayoría de los entrevistados, además de resistencias a estas violencias, a través de la reafirmación de sus formas de ser.

Palabras clave: homosexualidad; homofobia; masculinidades; salud mental; existencialismo sartreano.

1 Psicólogo pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2022). E-mail: ramonrmartins@gmail.com

2 Psicóloga, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: zuleicapretto@gmail.com



1 Introdução

Os modos de ser dos sujeitos foram e vêm sendo culturalmente regulados pelas mais diversas instituições sociais, por meio do que fora denominado por Michel Foucault (1988) como “dispositivo da sexualidade”. Este é considerado por Cassal, Gonzalez e Bicalho (2011, p. 466) “uma estratégia potente e perversa não de repressão, mas de gerenciamento e controle dos corpos, subjetividades e populações”, a partir do momento em que incentiva os sujeitos a falarem sobre suas sexualidades, para que seja possível conhecê-las e calibrá-las nos padrões hegemônicos de um determinado momento histórico e contexto social.

Este controle dos corpos, bem como as tentativas de regulá-los, se faz possível devido à organização das relações sociais, que prevê uma ordenação tanto entre os gêneros quanto entre as sexualidades. Assim, para Borrillo (2010, p. 30), se reservam às mulheres modos de ser marcados pela “[...] subordinação psicológica e cultural” para com os homens, instituindo o que conhecemos por sexismo. E, da mesma forma, se vinculam os heterossexuais a uma posição de soberania, quando comparada a outras sexualidades, por meio do heterossexismo (Ibidem, p. 31).

Estas estruturas de hierarquização dos sujeitos, por vezes interagentes, funcionam como prumos corretivos de modos de ser, que se fazem por “um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável [...] posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimos’”. (LOURO, 2018a, p. 16) Isso faz com que quaisquer formas de viver a sexualidade que desviem do imperativo de heterossexualidade sejam “[...] constituídas como antinaturais, peculiares e anormais” (LOURO, 2018b, p. 19), como é o caso das homossexualidades.

A homossexualidade costuma ser compreendida como a forma de experienciar a sexualidade daqueles que desejam, unicamente, corpos do mesmo sexo que o seu, podendo estar relacionada ou não com práticas sexuais consolidadas, conforme menciona Borrillo (2010). No entanto, vale ressaltar que a homossexualidade é vivenciada de forma única por cada sujeito, sendo essencial levar em conta a comprovada insuficiência de teorias identitárias para nomear as diversas formas de viver os desejos tidos como não hegemônicos. (MISKOLCI, 2020)

Em consonância, é possível traçar um paralelo entre o que fora supracitado e o que é debatido por Sartre (1997), de que não há um universal que dê conta de expor todas as configurações possíveis de se viver, inclusive no que diz respeito ao desejo, já que, além de homens homossexuais, tais pessoas são sujeitos de seu tempo, ocupam certos territórios geográficos, vivem certos contextos políticos, econômicos e sociológicos que lhes possibilitam experienciar a vida de forma bastante distinta. Assim sendo, a homossexualidade masculina é vivida de forma particular entre os sujeitos que a experenciam, já que “as coisas adquirem significado conforme a situação em que se está



inserido e implicam na experimentação psicofísica que dela se tem”. (SCHNEIDER, 2011, p. 118)

Vale ressaltar que, ainda que na atualidade a homossexualidade masculina seja vista como uma possibilidade de viver a sexualidade, esta é frequentemente acompanhada de práticas discursivas antigas e pouco receptivas, que culpabilizam os sujeitos por meio do pecado, do crime ou da patologia. (BARRILLO, 2010) Em decorrência disso, pessoas que se definem como homossexuais experienciam também sofrimentos em suas trajetórias. Sofrimentos estes que não devem ser compreendidos como inatos à experiência que nega a heteronormatividade, como fora enunciado ao longo da história por meio da produção de verdades nomeadas científicas pela medicina, psicologia e outros campos de saber (SANTOS, 2013; MISKOLCI, 2020), mas como produzidos socialmente pela estigmatização, configurando-se como sofrimentos ético-políticos, segundo as reflexões de Sawaia (1999).

Esta situação fica comprovada pelos diversos danos afetivos e emocionais, que são noticiados na obra *Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs*, realizada sob organização do Conselho Federal de Psicologia – CFP (2019, p. 138), dentre eles:

[...] vulnerabilidade aos discursos que afirmam que a sexualidade e a identidade de gênero expressa é um erro; perda de vínculos familiares e do círculo de sociabilidades; tentativas e ideação suicida; sofrimentos psíquicos como depressão e ansiedade; perda de confiança nas pessoas e sensação de persecutoriedade; necessidade de estar sempre alerta e autovigilante; sentimentos de inadequação, medo, raiva, angústia, fracasso, culpa; somatização e sensação de confusão mental; naturalização do sofrimento e internalização da LGBTIfobia; uso abusivo de álcool e outras drogas, entre outros.

Além disso, no que se refere à segurança dos homossexuais e da população LGBTQIA+ como um todo, a situação se mostra igualmente desfavorável. De acordo com o Relatório Anual de Mortes LGBTIA+, realizado anualmente pelo Grupo Gay da Bahia, somente no ano de 2019 foram registradas 329 mortes violentas de pessoas dessa população; dentre estas, 90,3% foram caracterizadas como homicídios e 9,7% como suicídios. Ou seja, tamanha violência que fez com que entre os anos 2000 e 2019, ao menos 4.809 pessoas tenham tido suas vidas apagadas pela LGBTQIA+fobia e pela desassistência do Estado. (OLIVEIRA; MOTT, 2020)

Portanto, como pode ser visto ao decorrer desta produção, essa população é submetida tanto a extermínios de suas subjetividades, por meio do silenciamento, das violências físicas e psicológicas, quanto pelos extermínios marcados pela morte do corpo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019; OLIVEIRA; MOTT, 2020), fenômenos estes que devem ser tratados não pela individualização do sofrimento.

Com base nessas ponderações, esta pesquisa buscou compreender quais são as implicações da homofobia na saúde mental de jovens universitários que se experienciam como homossexuais,



a partir de seus próprios relatos. Desse modo, foi discutida a questão da saúde mental dessa população, com base em um estudo qualitativo, onde foram realizadas entrevistas individuais com homens jovens, posteriormente analisadas com base na teoria sartriana sobre a constituição dos sujeitos e em estudos contemporâneos críticos sobre gênero e sexualidade.

2 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa pode ser caracterizada como um estudo de natureza qualitativa, de campo e de corte transversal, tendo em vista conceitos abordados nos trabalhos de Minayo (2002, p. 22) e de Fontelles e colaboradores (2009). Foram entrevistados, uma única vez, jovens universitários que se experienciam como homens homossexuais. Quanto à finalidade, o estudo foi definido como exploratório por buscar compreender as implicações da homofobia na saúde mental destes jovens, tema ainda pouco explorado.

A busca de informações efetuou-se por meio de entrevistas semiestruturadas com base em um roteiro que norteou a realização de perguntas aos participantes. Tal roteiro de entrevista, juntamente ao projeto de pesquisa, obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da universidade ao qual o estudo foi vinculado.

Seguidamente, a seleção de participantes ocorreu através da técnica de amostragem por acessibilidade ou por conveniência, conforme tratado por Gil (1999, p. 104). Dois dos participantes foram indicados a partir da rede direta de contatos de um dos pesquisadores e outros dois foram indicações indiretas, advindas das redes sociais dos próprios entrevistados. Desta forma, a pesquisa fora composta por um total de quatro pessoas que, no momento das entrevistas se autodeclararam como homens homossexuais, eram jovens – entre 21 e 23 anos de idade – e eram estudantes em alguma das universidades de um município do sul do Brasil.

Todas as entrevistas ocorreram de forma virtual – e síncrona –, através da plataforma Microsoft Teams, a fim de garantir o distanciamento social, seguindo protocolos de segurança adotados em decorrência do contexto pandêmico do novo coronavírus – covid-19.

Ao longo dos encontros individuais, cada um dos integrantes da pesquisa pôde escolher por seu respectivo nome fictício, a saber: Guilherme, 21 anos de idade, desenvolvedor de sistemas e graduando em Sistemas da Informação; Lucas, 22 anos, graduando em Letras-Francês; Gilberto, 23 anos, graduando em Engenharia Civil; e Júnior, 21 anos, profissional da saúde e graduando em Psicologia. De acordo com seus relatos, todos se autodeclararam como pessoas sem deficiência e brancas. E no que diz respeito à relação com a própria religiosidade, Guilherme e Júnior se consideraram agnósticos, enquanto Gilberto se reconheceu como católico não praticante e Lucas,



como ateu.

Nas entrevistas, todos pareceram sentir-se tranquilos e dispostos a conversar, mesmo levando em conta o contexto de estarem em uma experiência nova, de compartilhar aspectos de suas trajetórias com o pesquisador, uma pessoa externa aos seus convívios, mas jovem e universitário como eles.

Após a transcrição das entrevistas, efetivou-se uma leitura breve dos textos integrais, para a familiarização com os conteúdos encontrados no campo, de modo semelhante ao que é descrito como “leitura flutuante” na obra de Bardin (2011). Em seguida, três categorias foram organizadas, de forma a contemplar os objetivos específicos e os principais tópicos orientadores que conduziram as conversas com os jovens. Tais categorias de análise abordaram: o reconhecimento do si como homem homossexual; o noticiar de sua homossexualidade para as mediações sociológicas e sociais; os modos de ser frente às masculinidades hegemônicas.

Por fim, a análise dos relatos dos quatro entrevistados se efetuou com base no método progressivo-regressivo de Sartre (2002), que diz respeito à tentativa de conhecer o movimento subjetivo de produção de objetividade realizado pelos sujeitos, como produtos e produtores de contextos coletivos. Para além, foram realizadas análises e discussões lançando mão de perspectivas de estudos contemporâneos críticos sobre gênero e sexualidade, como já pontuado.

3 Análise e discussão

Inicialmente serão apresentados de modo breve alguns conceitos referentes ao existencialismo sartriano que se fizeram necessários para amparar a análise dos relatos dos participantes da pesquisa e as discussões realizadas, entre eles liberdade, situação e projeto de ser.

De acordo com Sartre (1997, p. 68), liberdade é uma característica do próprio ser humano: “O homem não é *primeiro* para ser livre *depois*: não há diferença entre o ser do homem e seu ‘*ser-livre*’”. O autor afirma que a liberdade é uma característica constitutiva, de forma que, inegavelmente, o sujeito é livre para escolher até o final de sua vida, ainda que dentro dos contornos dos contextos em que se vê inserido, que lhe garantem um campo de desfechos possíveis, ou seja, em outras palavras, trata-se de uma liberdade em situação. É mediante as escolhas efetivadas, ainda que atravessadas por condições históricas, muitas vezes anteriores ao nascimento do sujeito, que o sujeito se faz, em um exercício constante e inescapável de sua liberdade. (MAHEIRIE; PRETTO, 2007)

Assim sendo, “[...] o sujeito é um conjunto de relações: com a materialidade, com seu corpo, com os outros, com a sociedade, com o tempo” (SCHNEIDER, 2011, p. 114), e nessas relações ele



se escolhe por meio da reprodução ou superação daquilo que lhe fora apresentado, em um mundo anteriormente escolhido por outras liberdades. Logo, o sujeito pode ser compreendido como um projeto de ser, já que parte de um campo de caminhos possíveis em direção a um futuro ainda inexistente, o que lhe garante uma abertura para agir frente ao mundo que lhe cerca. (SARTRE, 1987; MAHEIRIE; PRETTO, 2007)

Com base nos conceitos supracitados, se faz necessário o entendimento de que, liberdade, em uma perspectiva sartriana, não diz respeito a viver como quiser sem que haja qualquer resistência, já que a todo momento o sujeito é incitado a lidar com os produtos de seus movimentos pelo mundo. (SCHNEIDER, 2011) Constatamos como elemento da história, que, não raro, são reservadas violências para os sujeitos que vão contra os projetos que foram criados por outras liberdades ao longo do tempo e se configuram como hegemônicos. Violências essas consolidadas por meio de atos pessoais, de ações do Estado e de instituições, como assinala Louro (2018b), e que são reafirmadas a todo tempo por outras tantas liberdades.

Em linhas gerais, dentre as existências que lidam com maiores adversidades, estão as que subvertem as hierarquias de gênero e sexualidade, sendo uma delas a homossexualidade, temática abordada no presente trabalho. Assim, a seguir, serão apresentadas as categorias que abordam a análise e as discussões produzidas a partir dos relatos dos jovens homossexuais entrevistados.

3.1 Então, esse sou eu? O reconhecimento de si como homem homossexual

Nesta categoria será debatido o processo de reconhecimento de cada entrevistado como homem homossexual, de forma a entender quais as compreensões e sentimentos que fizeram, e fazem, parte destas vivências.

Guilherme relata que seus primeiros questionamentos acerca da própria sexualidade surgiram em tempos de Ensino Fundamental, mas que passou a se reconhecer, de forma mais elaborada, como homem homossexual, em meados de 2016 – quando estava no segundo ano do Ensino Médio, então com 16 anos.

Ele conta que após assistir a uma obra cinematográfica brasileira que tratava sobre o amor entre dois adolescentes, intitulada *Hoje eu quero voltar sozinho*, fora percebendo que a homossexualidade se tratava de um modo de viver a sexualidade tão legítimo quanto a heterossexualidade: “Eu vi esse filme [...] na sexta à noite [...] e eu passei o fim de semana todo matutando aquilo na cabeça [...], porque, realmente, é um passo muito grande pra tu sair do ‘Meu Deus, eu me odeio’, para ‘Meu Deus, eu sou uma pessoa normal’”.

Nesse momento da entrevista, Guilherme parece fazer menção ao fato de que, muitas vezes,



os homens homossexuais são minados por enunciados que significam as suas homossexualidades como anormais, patológicas. Louro (2018a; 2018b) analisa que as dificuldades encontradas no processo de se autoafirmar como uma pessoa não heterossexual, já que estaria fora do que é consolidado como a sexualidade normal, ao longo dos tempos, nas modernas sociedades ocidentais, fazem com que os próprios sujeitos passem a questionar a legitimidade dos seus modos de ser, como mencionado pelo entrevistado. Este exemplifica dizendo:

Antes de eu me aceitar, eu negava e até sentia uma raiva por isso, e depois que eu me aceitei [...], eu era aquela pessoa que tipo: ‘Ah, eu aceito, mas tem que ser homenzinho [...], não pode transparecer para as outras pessoas’, sabe? Então eu mesmo praticava uma homofobia comigo mesmo.

Lucas contara que passou a perceber a atração por outros meninos ainda na infância: “Um episódio em destaque eu não consigo lembrar, mas eu consigo perceber que desde [...] quatro/ cinco anos eu já sentia que eu gostava dos coleguinhas da creche”. Mas complementa dizendo que o reconhecimento de si como um homem homossexual ainda está em curso, tendo em vista que, para ele, a sexualidade é algo de caráter bastante fluido.

Podemos sugerir que Lucas reconhece que a sexualidade não permanece, ou não precisa permanecer, da mesma forma ao longo de toda a vida, tendo em vista que a sexualidade, como assinala Louro (2018b), tem um caráter transitório, assim como tantas outras identificações. Em concordância com a obra de Sartre (1987), é possível formular que a sexualidade não representa uma totalidade, mas uma série de investimentos que o sujeito faz ao lançar-se amorosamente e/ou sexualmente para determinadas relações que em um determinado tempo mobilizam seu desejo e que têm relação com o conjunto de seu ser.

Nessa direção, o sujeito se mostra projeto inclusive no que diz respeito a sua própria sexualidade, como parece estar acontecendo com o entrevistado, que diz, ainda, “acredito que eu me assimile melhor, e seja de melhor entendimento, até para as outras pessoas, me declarar como homem homossexual”. Essa fala parece fazer menção ao fato de, até o momento da entrevista, a homossexualidade para Lucas ser a expressão de sexualidade que melhor noticiava sobre seus desejos amorosos e/ou sexuais para com outros sujeitos. Ele relacionou, posteriormente, a homossexualidade também a um modo de ser socializado por conta dos seus comportamentos e das roupas que veste, indicando, como analisa Sartre (1987), o quanto as escolhas e expressões do sujeito se configuram num movimento totalizador de si, que é o projeto singular, o qual, por sua vez, se desenrola em face às questões socioculturais postas.

Com base no que foi compartilhado por Lucas, este, possivelmente, reconhece que as mediações sociais e sociológicas estão carregadas de construtos sobre o que é ser um homem



homossexual. Para Borrillo (2010) e Louro (2018b), a proposição do que é masculino ou feminino, do que é heterossexual ou homossexual, se dá por meio de binarismos há tempos enraizados nos mais diversos contextos sociais, como se um modo específico de se comportar e de se vestir estratificasse o sujeito, no que diz respeito a sua sexualidade. E que, conseqüentemente, para os homens que não correspondem aos modelos de masculinidade hegemônica, fosse reservada unicamente a socialização como homossexual, pela transgressão dos comportamentos e de modos de se adornar reconhecidos como heterossexuais.

Vale ressaltar que nesta pesquisa, o termo masculinidade hegemônica faz menção aos ideais socialmente dominantes que definem modos de ser esperados dos homens, que variam de acordo com o contexto em que este ideal se configura. O termo supracitado fora cunhado por Connell, e posteriormente repensado pela mesma autora, em coautoria com Messerschmidt (2013). As masculinidades hegemônicas estão relacionadas dialeticamente com as masculinidades não hegemônicas, também conhecidas como masculinidades alternativas ou masculinidades socialmente marginalizadas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), como as dos jovens entrevistados, que transcendem o que está dado como ideal de sexualidade, apresentando novos modos de ser homem, apesar das incontáveis mazelas.

Júnior também relaciona o seu reconhecimento como alguém não heterossexual com uma ruptura nos ideais de masculinidade hegemônica, ainda quando pequeno, no ambiente escolar da creche. De acordo com ele, sua mãe fora chamada para comparecer na escola pelo fato de o filho estar vestindo uma fantasia da Branca de Neve durante as brincadeiras – ou seja, usando o vestido de uma personagem alegoricamente feminina, uma princesa. Louro (2018b) reflete que esse tipo de situação, na perspectiva da instituição escolar, poderia denunciar uma anormalidade, um defeito no processo de “alfabetização” da masculinidade esperada. Fundamentado nisso, Júnior conta: “Acho que foi a primeira parte que eu me identifiquei como não sendo um ‘normal’, [...] acho essa palavra muito ruim para isso, mas [...] eu não estava no meio que os outros meninos estavam juntos”; meninos estes que estavam, de acordo com ele, “brincando de luta, de bater, de brigar, de correr um atrás do outro”, portanto, brincando de coisas comumente associadas à masculinidade hegemônica – ou seja, fantasiando coisas mais violentas e brutais do que as sublimes saias amarelas da princesa.

Ele conta que se reconheceu como sendo um menino homossexual somente no Ensino Fundamental, ou seja, anos após o episódio da creche, “foi na escola, ali com 13 anos, com 12, que eu fui saber que, na verdade, tem uma categoria, gay/homossexual pra isso. E que certamente eu me encaixava nisso”. Portanto, Júnior parece compreender a sua homossexualidade como uma



categoria a qual pertence, diferentemente da fluidez indicada por Lucas.

Sobre o reconhecimento da sua homossexualidade, ainda, Júnior diz que:

No começo, quando eu via que eu gostava de menino, não foi muito um processo tranquilo. Porque eu não aceitava, tanto é que eu mentia que eu tinha namorada e ninguém via essa namorada. Eu mesmo não me aceitava, tanto é que, tipo, com 11 anos eu via fotos e ficava pensando: ‘Mas, então, existe essa possibilidade?’

Portanto, antes que passasse a reconhecer a legitimidade do desejo para com outros garotos, este passou por um período em que performava uma atração por garotas. Segundo ele, grande parte deste simulacro fora influenciada pelo que via nas idas à igreja com a família aos domingos: outras tantas famílias com arranjos tradicionais, na maior parte das vezes seguindo como padrão “o pai todo-poderoso, a mãe provedora do lar e os filhinhos para dar sequência para essa família”. Sobre isso, Júnior pensava: “Eu vou mudar essa minha cabeça, eu vou me casar com uma mulher, eu vou ter um filho, eu vou ter uma vida normal. Uma vida que a minha mãe, os meus pais querem que eu tenha”.

Estas vivências relatadas por Júnior parecem ter lhe feito experimentar uma sensação de ter que cumprir com um destino preestabelecido – fenômeno que no existencialismo está relacionado com um processo de alienação ou de má-fé, quando cada um se concebe e se reconhece como determinado *a priori*, não reconhecendo a possibilidade da liberdade. (SARTRE, 1997) Destino este noticiado pela Igreja Católica e, posteriormente, confirmado pelo modelo de família visto nas igrejas que frequentava e, também, em sua própria casa. Então, seu pai “todo-poderoso” e sua mãe “provedora do lar” parecem ter tido uma grande influência na forma que este significou sua própria sexualidade e sua identidade.

Gilberto contara ter passado a se experimentar atraído amorosamente e/ou sexualmente por outros meninos com idade próxima aos dez anos. Esta, porém, não se configurou uma questão para ele até a chegada do final do Ensino Médio e início da faculdade: “Entrando na faculdade, que foi onde eu comecei a me descobrir e tudo mais... a me descobrir não, a me assumir e ter relações”.

Sendo assim, de acordo com o que fora dito por Gilberto, juntamente ao ingresso na vida universitária é que aconteceram os seus primeiros relacionamentos amorosos e/ou sexuais para com outros homens. De forma que este passou, pouco a pouco, a autoafirmar-se como um homem homossexual frente às mediações sociais e sociológicas. No entanto, Gilberto complementa dizendo que desde os dez anos passou a elaborar a aceitação da sua própria sexualidade, não heterossexual, ainda que de forma internalizada.

Com base na trajetória existencial de Gilberto, podemos sugerir que se passara um grande intervalo de tempo entre o momento de reconhecimento de si como homossexual e o momento



de revelação desta homossexualidade junto às mediações sociais e sociológicas. Algo semelhante fora mencionado pelos demais participantes, dentre eles Lucas:

Era sempre uma questão de estranhamento mesmo, e de viver muito internamente, de viver muito para si, porque não era, e talvez ainda não seja, considerado normal a gente ter tanta liberdade assim nesses ambientes de escola e até mesmo familiar, então eu vivia muito para mim, não era uma questão que eu externalizava.

Logo, com base nos relatos dos entrevistados dessa pesquisa, nota-se que se fizeram presentes angústias, ao longo dos dias, meses e anos que antecederam a revelação da não heterossexualidade por parte de cada um, frente às mais diversas mediações, dentre estas as famílias de origem. Estas experimentações, possivelmente, foram significativas pelo fato destes estarem, pouco a pouco, se lançando no mundo como sujeitos que escolheram por transcender o que estava dado como a sexualidade legítima em meio ao contexto que viviam. Ou seja, em um mundo significado e organizado por outras liberdades de forma divergente aos seus projetos. Isso, portanto, está diretamente relacionado à noção de angústia frente à liberdade, esta que, de acordo com Schneider (2011), é condição ontológica do ser, já que o ser do sujeito está a todo tempo implicado em seus movimentos no mundo, ainda que dentro de um campo de possíveis esboçado anteriormente ao seu nascimento, como vimos.

No mais, ainda que existam grandes diferenças nas trajetórias de reconhecimento da própria sexualidade por parte dos jovens entrevistados, tornaram-se bastante evidentes as semelhanças entre seus relatos pelo fato de serem singulares e universais ao mesmo tempo, tendo em vista que para além de sujeitos únicos, são sujeitos de seu tempo, marcados, inegavelmente, por um contexto antropológico, como vimos a partir do existencialismo.

Tornou-se notável a relação estabelecida entre os acontecimentos e os anos escolares em que se encontravam. Como se a relação com o contexto educacional fosse uma bússola para situarem-se na temporalidade, mais precisamente no contexto em que estavam inseridos no momento de reconhecimento da própria sexualidade, seja na creche, no Ensino Fundamental, Médio ou Superior, ambientes referidos por três dos quatro entrevistados.

Assim, no próximo tópico da análise, de forma a partirmos de situações particulares para compreender o universal e de situações universais para compreender as particulares, conforme Sartre (2002), serão apresentados dados relativos a como fora, para cada um dos jovens, ser socializado ou autoafirmar-se como homem homossexual nos contextos de estudo formal e de trabalho, na relação com as famílias e com a cidade.



3.2 Apesar de tanto, esse sou eu! O ser homem homossexual frente às mediações sociológicas e sociais

3.2.1 No interior das famílias

Guilherme expôs que meses após assistir ao filme *Hoje eu quero voltar sozinho*, que lhe despertou importantes reflexões acerca da sua sexualidade, resolveu aproveitar que seus pais passariam um final de semana no sítio da família para contar sobre a sua sexualidade para a mãe. No momento da breve conversa, a resposta da sua mãe fora pouco amistosa: “Ela falou: ‘Ah, mas e Deus?’ [...] e ela nem é uma pessoa religiosa, mas comentou: ‘Ah, mas tu sabe que isso é errado aos olhos de Deus’ e ‘O que que a tua família vai achar?’”. Neste caso, é perceptível que a mãe, a fim de justificar a não aceitação da sexualidade do filho, buscou amparo nos dogmas da tradição religiosa judaico-cristã, a qual teve ao longo dos séculos, e tem até a atualidade, um papel fundamental no controle dos corpos, diretamente ou indiretamente, por meio das famílias e demais instituições influenciadas. (SANTOS, 2013; NASCIMENTO; SCORSOLINI-COMIN, 2018) O entrevistado conta que logo a mãe saíra de casa, rumo ao sítio, e que essa ausência dos pais fez com que ele se experimentasse bastante ansioso frente à impossibilidade de saber como a mãe estava reagindo à notícia.

Em pouco tempo, sua mãe compartilhou a notícia com o filho mais velho que lhe mandara mensagens dizendo coisas como: “Isso é horrível! O que que eles iam pensar do Guilherme? Do filho da Ana? Pensa o que os outros vão pensar”. O entrevistado afirma que reconhece a atitude do irmão como um “jogo psicológico”, tendo em vista que o irmão, neste momento, também dissera que Guilherme nunca poderia segurar seu sobrinho no colo.

Diante da mensagem do irmão, que confirmava o não acolhimento por dois dos membros da família, Guilherme conta que experimentara uma grande dificuldade de respirar e uma “crise de choro” intensa, tornando evidente a relação entre as vivências da não legitimação da homossexualidade e o sofrimento psicológico, como também é demonstrada na obra de Nascimento e Scorsolini-Comin (2018).

Dado o mal-estar experimentado frente à revelação da sexualidade para a mãe e para o irmão, adiou a decisão de contar ao pai. Quando este veio a saber, reagiu de forma igualmente hostil, expressando comentários como “O que eu fiz para merecer isso?”. Assim sendo, novamente o rapaz tivera sua sexualidade significada como sendo uma sentença para os membros da família (ainda que, posteriormente, a relação entre Guilherme e seu pai tenha se estreitado, bem como a relação com a sua mãe). Fundamentada em Sartre, Pretto (2013) assinala que a relação com os outros é imprescindível para a construção de nosso ser, nesse sentido, o olhar, a nomeação e a



compreensão do outro sobre o que expressamos e somos têm poder de constituição, afetando o modo como nos reconhecemos no mundo (em especial se esses outros fizerem parte de nossa rede sociológica, isto é, dos grupos através dos quais nos identificamos no mundo, como a família, por exemplo).

Portanto, frente à revelação da homossexualidade de Guilherme, puderam ser percebidas as dificuldades da mãe e do irmão em aceitar sua sexualidade, que foram manifestas por meio do discurso religioso e de um “jogo psicológico”, como relatado por ele. Incontestavelmente, estes episódios foram marcados por uma homofobia intrafamiliar – ou seja, pela negação da sexualidade do jovem por parte dos membros de sua família de origem, uma de suas maiores mediações sociológicas.

Guilherme, durante a entrevista, mostrara incômodo com o fato de receber um tratamento diferente quando comparado ao irmão, por este ser heterossexual e cisgênero, “É para ser uma coisa mais simples, sabe? Por que o meu irmão que é hétero não teve que fazer isso, sabe?”. Podemos pensar que o irmão respondeu, ao menos até esse momento, a todas as expectativas da família no que diz respeito ao seu gênero e a sua sexualidade, já Guilherme, teve que conquistar um espaço na relação familiar em que pudesse apresentar seus modos de ser sujeito. Trazendo as discussões das obras de Connell e Messerschmidt (2013) e Butler (2018) para este contexto, pode-se pensar que, neste caso, devido a Guilherme reafirmar, por meio de suas ações, um modelo de masculinidade socialmente não dominante e, portanto, fugir da norma, subvertê-la, este deixa de ser visto como sujeito de valor ou um corpo que pesa, diferentemente do irmão.

Este relato deixa evidente como, em muitos casos, os jovens homossexuais acabam sendo alvos muito maiores de investimentos das pedagogias da sexualidade nas famílias e demais instituições sociais, sendo estas as primeiras instituições responsáveis pela sexualidade dos filhos. (LOURO, 2018b) Com isso, torna-se um pouco mais perceptível que contar sobre a própria sexualidade para a família mostra-se um acontecimento aflitivo para os jovens que não correspondem aos modelos de gênero e sexualidade hegemônicos da heterossexualidade e da cisgeneridade.

Gilberto narra que contou aos pais sobre a sua sexualidade em 2020, pouco antes de a pandemia de covid-19 e, com ela, as restrições, se instalarem, o que fez com que ele viesse a passar mais tempo com os pais e com o irmão, de 17 anos, tendo em vista que todos estavam a estudar e trabalhar de casa. Após contar para a mãe, Gilberto passou a se questionar como a relação deles iria se atualizar. Após meses, o mesmo aconteceu ao contar para o pai. Ele conta que os pais precisaram de quatro ou cinco meses para assimilar o assunto, até o ponto em que passaram a



convidar o namorado de Gilberto para frequentar a casa da família.

Gilberto refere: “Estava apto a contar, mas esse certo ‘não saber como vai ser’ me deixava um pouco angustiado”. Isso se deve ao fato do entrevistado saber que muitos jovens homossexuais não são aceitos por suas famílias, como é o caso de alguns de seus amigos “que infelizmente acabam cortando relações, porque a família não aceita de jeito nenhum”, realidade identificada também nos estudos de Nascimento e Scorsolini-Comin (2018). Apesar disso, Gilberto entendera que contar para a família fora um processo relativamente tranquilo.

Lucas relata algo semelhante a Gilberto. O jovem conta que, no momento da notícia, sua família era composta por ele e por sua mãe, atualmente falecida. Narra ter compartilhado sobre a sua homossexualidade em 2016, em meio a um passeio na praia com a mãe e que esta reagiu de forma receptiva, ainda que fosse uma situação nova para a família. Ele confessa que, ainda que tenha recebido acolhimento da família, e não tenha sofrido nenhum grau de violência, todo o processo de contar sobre a não heterossexualidade demandou angústia e reflexão, levando em conta que, a partir disso, surgiram questionamentos como o de “que vai acabar sendo outra pessoa”, “que pode sofrer algo...”.

Lucas descreve o “assumir-se” frente à família como um processo de expor as diversas “nuances de uma mesma pessoa”. Ao realizarmos elaborações comprometidas com a obra sartriana (SARTRE, 1997), podemos inferir que é como se existissem características do modo de ser de Lucas que permaneciam veladas em meio à relação com a sua mãe, de forma a evitar desentendimentos advindos da revelação da homossexualidade. Contudo, sobre esse processo, Lucas diz que fora “como tirar um peso”, justamente por ter sido acolhido pela cuidadora. Júnior compartilha que revelou a sua sexualidade para a família em 2015, primeiramente para a mãe, dizendo a ela que estava namorando um rapaz que era colega de sala de aula. Ele narra que a mãe ficou aliviada em saber que a conversa não se tratava de um desabafo acerca do uso de drogas por parte do filho, dizendo: “‘Eu já achei que tu tava fumando, já achei que tu tava na droga...’ e eu falei: ‘Não mãe, é um menino...’”. Após isso, esta contou a notícia para as duas irmãs de Júnior. De acordo com ele, as duas responderam de formas diferentes, já que a primeira dissera: “Tá, tu quer que eu faça o quê?”, não revelando preocupação com o tema, e a segunda “deu um ‘piti’, ela chorou muito, como se eu tivesse morrido, sabe?”.

Portanto, ainda que as condições de vida das irmãs tenham sido bastante semelhantes, por fazerem parte de uma mesma família e serem de uma mesma geração, tornou-se evidente que a aceitação da homossexualidade de Júnior ocorrera de forma distinta. Esse fenômeno diz respeito ao fato de que os acontecimentos adquirem significados únicos por parte de cada sujeito, ainda que



estes estejam todos imersos em um mesmo contexto. (SCHNEIDER, 2011)

Entretanto, essa imprevisibilidade por parte da reação de cada membro da família parece tornar a revelação da homossexualidade destes jovens ainda mais complicada. Como aconteceu com Guilherme, que esperava que seu irmão fosse reagir com tranquilidade e acabou por se magoar com o tratamento recebido: “Por muito tempo eu fiquei triste com isso, e decepcionado, seriam as palavras, eu acho, porque, como eu e ele sempre tivemos uma relação boa, eu imaginava que ele ia aceitar mais tranquilamente”.

Sobre a trajetória de Júnior, após contar para as irmãs, a mãe compartilhou com o ex-marido, pai de Júnior, que não se importou com a homossexualidade do rapaz. Segundo a mãe, o pai “só quer ver o meu bem, quer que eu me forme, quer que eu faça as minhas coisas”, portanto, ele passara a enxergar o pai como uma das maiores fontes de acolhimento na situação. Narra também que suas duas avós são senhoras bastante religiosas, mas que ambas lhe acolheram. Então, neste caso, as religiões das avós não apareceram como dificultadoras para a aceitação, diferentemente do que fora vivenciado por Guilherme em relação à resposta da mãe, como discutido no início deste tópico.

Júnior relata que atualmente ainda sente certa resistência em falar sobre a sua sexualidade com a família, diz que uma das irmãs continua a elaborar a aceitação da sua sexualidade; além disso, evita compartilhar certas experiências relacionadas à sexualidade com a sua mãe. Complementa dizendo que se sente um sujeito de sorte por ter a aceitação e o acolhimento da família, diferentemente do caso de uma amiga sua, que fora expulsa de casa após compartilhar sobre a sua sexualidade com os pais fortemente religiosos.

Curiosamente, todos os participantes demonstraram sentir-se privilegiados pelo fato de, apesar de tudo, terem recebido amparo e/ou por não terem sofrido violências de ordem física. E com isso, torna-se evidente que, por vezes, os entrevistados comparam suas próprias realidades com a realidade das pessoas que transgridem a hegemonia da heterossexualidade e da cisgeneridade em meio à ruptura de vínculos ou do não acolhimento por parte das mediações sociológicas. Como se o fato de não terem passado por grandes violências físicas ou rompimento de vínculos com as famílias os tivesse tornado ilesos às implicações decorrentes da reprodução social de masculinidades hegemônicas, da heteronormatividade e da homofobia que as acompanham. (MISKOLCI, 2020)

3.2.2 Fora das famílias

3.2.2.1 Nos espaços de estudo

Três dos participantes mencionaram ter experienciado o *bullying* durante os anos em



que passaram nos espaços de ensino básico, Fundamental ou Médio. Guilherme dissera que hoje percebe algumas das implicações das vezes em que fora vitimado pelo *bullying*, como a dificuldade que tinha em se relacionar com outras pessoas da sua idade. Em consequência, pouco a pouco, ele fora se isolando socialmente, ao longo da trajetória escolar: “Eu ia para a escola e eu chegava em casa triste, eu ia para a escola triste, sabe? Tava sempre triste. E eu acho que era mais uma sensação de estar se sentindo sozinho, assim”. Complementa dizendo que esta experiência, a de sentir-se só, fora um dos motivos que fizera sua mãe buscar o serviço de psicologia para ele, uma vez que era perceptível o seu desconforto e mal-estar frente à ausência de tecimentos com pessoas da sua idade: “Ela se preocupava porque eu tava me sentindo sempre sozinho, então ela pensou que, antes que isso se desencadeasse numa coisa pior, ela me levasse à terapia”.

Júnior conta que, a partir do Ensino Fundamental, sofrera com as implicações do *bullying* escolar, já que passara a conviver com ofensas diárias por parte dos colegas de turma. Ele conta: “Vários meninos me chamavam de bichinha, de boiola, frutinha, um monte de coisas”. No entanto, a hostilidade dos colegas não se limitava às violências de cunho moral: “Eles faziam de tudo pra que eu não desse certo [...] No futebol, no vôlei, eles eram agressivos demais [...] de dar chute com a bola direto em mim, no vôlei também, sacar direto em mim. Coisa bem proposital, como se eu fosse um alvo ali”.

No que diz respeito ao Ensino Fundamental, assim como Guilherme, Júnior diz que foram anos de sua vida em que ele não se sentia motivado a frequentar a escola, tendo em vista os colegas que faziam comentários que o menosprezavam e que, conseqüentemente, desencadeavam processos de exclusão. Conta que, em compensação, os anos de Ensino Médio foram tranquilos: “As pessoas [...] me aceitaram. No Ensino Médio eu não sofri *bullying* de nenhum tipo, de nada, de exclusão... e foi onde eu consegui me assumir”. Logo, podemos formular que as relações saudáveis que ele experienciou durante o Ensino Médio foram mediadoras para a decisão de revelar a homossexualidade para os colegas de classe e para a família, tendo em vista que recebera acolhimento, diferentemente da hostilidade que encontrara nas relações com as pessoas da outra escola.

Para Lucas, as situações mais hostis para com a sua sexualidade se deram na relação com a escola, também por meio do *bullying*. Assim, os três relatos supracitados se configuram como o oposto do que fora dito por Gilberto, que noticia nunca ter vivido episódios de *bullying* e, por conseguinte, não ter sofrido com as conseqüências destas relações violentas. Em relação com o ambiente universitário, já na juventude, Gilberto diz:

O meu curso na verdade, Engenharia Civil, ele é um pouco heteronormativo. Então, no começo foi um pouco difícil me abrir com os colegas e tudo mais, só que uma coisa que



talvez até tenha me dado um grande suporte, foi, de certa forma, também encontrar outros garotos na mesma situação.

Frente a esse espaço dito heteronormativo, Gilberto menciona que passou a sentir segurança em frequentá-lo por saber que “se alguma coisa acontecesse”, teriam outros sujeitos não heterossexuais para sua “defesa”. Isto acaba por mostrar que, em espaços hostis para com as sexualidades contra-hegemônicas, o tecimento de mediações positivas acaba servindo como um instrumento de defesa ou mesmo combate à homofobia. Portanto, estas e outras mediações positivas “viabilizam o ser da pessoa, [...] incentivam a ser quem ela deseja ser”. (SCHNEIDER, 2011, p. 157)

Também acerca do espaço da universidade, Lucas menciona que:

Eu nunca passei por uma situação constrangedora, acredito que os cursos que eu escolhi, porque eu fiz História, aí eu troquei de curso e fui para Letras-Francês, então, eu acredito que os cursos que eu entrei já têm pessoas mais abertas a esse tipo de reflexão. Com menos preconceito e tudo mais.

A partir da fala de Gilberto e de Lucas, podemos formular que as noções hegemônicas de masculinidade parecem influenciar até mesmo no processo de escolha do curso de graduação, como se houvesse formações de nível superior mais ou menos receptivas para com pessoas homossexuais, defendidas por meio de um heterossexismo diferencialista. Este conceito, conforme Borrillo (2010), diz respeito à maneira com que os homens homossexuais são reconhecidos como diferentes pelos homens heterossexuais, de forma a criar uma “especificidade homossexual”, neste caso definindo os cursos adequados para sujeitos heterossexuais e os cursos para os corpos por eles outrificados – o que “[...] não deixa de fortalecer um dispositivo destinado a organizar os indivíduos enquanto seres sexuados”. (BORRILLO, 2010, p. 32)

A sensação mencionada por Gilberto, de que não está em conformidade com os demais sujeitos de um certo curso em decorrência da sua sexualidade, ainda que amparada em dados concretos, se não refletida e enfrentada, poderia ter acarretado um afunilamento de possibilidades profissionais para ele, por meio de emoções cerceadoras. Estas emoções são definidas por Maheirie (2002), numa perspectiva sartriana, como sendo as vinculadas aos processos de escolha alienados, ou seja, de uma maior conformidade com os modos de vida socialmente dominantes. No entanto, Gilberto permanecera no curso, expondo para as demais liberdades a possibilidade de ser homossexual e se tornar engenheiro civil por meio de um enfrentamento do que estava dado, afirmando uma outra possibilidade de vir a ser.



3.2.2.2 Nos espaços de trabalho

Ainda sobre a relação com suas ocupações, mas agora sobre os ambientes de trabalho, dois dos participantes contam ter passado por violências de cunho homofóbico por parte dos demais funcionários das instituições. Guilherme dissera ter percebido que sua ex-chefe lhe tratava mal em decorrência de ser homossexual: “Na época eu pensava: não, ela só não gosta de mim. Só que ela sabia que eu era gay, e ela tava me tratando diferente porque eu era gay”. Sobre esses episódios de violência no local de trabalho, ele ainda descreve que: “Ela me tratava mal na frente das outras pessoas, me deixava no vácuo, de eu fazer perguntas e ela não responder. E nem eram mensagens, era verbalmente, fisicamente [...] eu percebia que tinha muita raiva que vinha nessas falas dela”.

O jovem conta que percebia uma grande raiva nas interações que a ex-chefe tinha com ele, o que acabou lhe complicando no que diz respeito à sua saúde mental: “Eu via que eu queria sair de lá, eu sabia que eu tava sofrendo, [...] eu sabia que eu tinha que me demitir, mas eu não tinha coragem de fazer isso. Então, eu tava ali aceitando essa dor”. Relata, ainda, que no último dia do período de experiência fora demitido, tornando ainda mais evidente o fato de não ter sido benquisto naquela instituição. Após sua demissão continuou a se experienciar afetado emocionalmente pela violência: “Eu lembro de um dia eu tá andando no centro da cidade, e eu ver ela passando do outro lado da rua, e eu virar as costas e sair correndo. Porque eu não conseguia olhar para ela, era muito grande esse machucado que ela fez em mim”.

Portanto, o mal-estar experimentado parece ter sido decorrente de um sofrimento situado no tempo passado; acontecera em consequência de uma experimentação psicofísica de desconforto que permanecera em seu ser, tendo em vista que o passado lhe é constituinte, como debatido na obra de Schneider (2011, p. 124):

É preciso compreender que na experiência cotidiana eu não tenho passado, mas sim, sou meu passado. Ele me impregna de todos os lados, eu o experimento psicofisicamente de maneira permanente e não posicional. Ele não é, portanto, uma representação que faço da minha história, não está na ordem das ideias; ele sou eu, não se desgruda de mim. Sendo assim, nós temos-de-ser-nosso-passado.

Além dessa experiência, Guilherme relata ter vivido outras situações de violência homofóbica no trabalho, que lhe afetaram menos emocionalmente, mas que não deixam de comprovar que os jovens homossexuais estão a todo tempo sendo alvo de tentativas de correção de seus modos de ser: “Teve uma vez que eu fui de unha pintada pro trabalho e um colega de trabalho comentou com uma amiga minha, dizendo: ‘você não acha que isso é demais? Que ele tá querendo se aparecer muito?’”. Segundo Borrillo (2010), a constituição dos sujeitos homens, frequentemente, se dá pela negação das práticas associadas à feminilidade, fazendo com que o colega de trabalho



viesses a considerar preocupante o fato de o rapaz colorir suas unhas com esmalte, o que, na visão deste, tornaria ele menos masculino, de acordo com os ideais hegemônicos, configurando-se como algo inapropriado.

Júnior, após dizer que não teria nada mais para acrescentar na entrevista, lembrou de um episódio em que vivera em seu antigo trabalho, em um serviço de saúde. De acordo com ele, nesta situação estava na copa, terminando seu horário de almoço, quando chegara um enfermeiro e pediu seus talheres emprestados. O rapaz pegou o garfo e a faca e lavou na pia – mas que isso não lhe incomodara até o ponto em que o enfermeiro dissera: “Eu vou lavar né... vai que tenha Aids ou sífilis”.

O jovem conta: “Ele quis dizer que era uma piada, que era coisa assim, mas é uma coisa que eu fiquei muito desconfortável [...] eu saí de lá, eu fui no banheiro, eu chorei, não vou mentir. Eu fiquei com muita raiva, nervoso”, e que foi “um dia que eu não queria ter vivido”. Isto confirma novamente a existência de uma inegável relação entre as violências homofóbicas e o sofrimento psíquico nos corpos homossexuais. E contribui para a constatação do despreparo de muitos profissionais de saúde para lidar com os homens homossexuais e homens que se relacionam sexualmente com outros homens – HSH. (SANTANA et al., 2020) Importante notar que esses grupos populacionais foram sistematicamente rotulados como promíscuos ao longo da história das modernas sociedades ocidentais. (SANTOS, 2013)

Ainda sobre isso, os homossexuais e demais HSH, após a década de 1980, passaram a ter seus corpos usados como alegoria para o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), durante a epidemia de HIV/Aids que se instalara no país (BRASIL, 2013; WEEKS, 2018), tendo em vista que os primeiros casos diagnosticados com o vírus foram em homens com práticas homossexuais. Isso abriu portas para a consolidação de uma homofobia estritamente relacionada à sorofobia, nome dado ao estigma para com pessoas que foram infectadas pelo vírus supracitado e que conseqüentemente vivem com o HIV. (SOROFOBIA, 2020) Tão grande é o vínculo dos estigmas, que a Aids passara a ser nomeada como o “câncer gay”, ao noticiarem os primeiros casos da doença no Brasil, durante o ano de 1983. (GUÉRCIO, 2021)

3.2.2.3 Nos serviços de saúde

Como pacientes de serviços públicos de saúde, Guilherme e Gilberto contam ter passado por situações em que perceberam ter recebido um tratamento diferente por parte das profissionais de saúde que lhes atenderam devido à homossexualidade. Tais episódios ocorreram quando buscaram pela realização de exames chamados de testes rápidos, que auxiliam no diagnóstico de



possíveis Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), dentre elas hepatites virais B e C, sífilis e HIV. (DEPARTAMENTO, 2021)

Guilherme conta que, ainda que tenha aprendido bastante sobre as ISTs e sobre os métodos de prevenção, tais como a profilaxia pré-exposição (PrEP), não sabe se a profissional realiza as mesmas orientações para as pessoas não homossexuais. Gilberto dissera algo parecido, relatando uma mudança repentina no tratamento recebido pela enfermeira, após ter mencionado o fato de se relacionar sexualmente com outros homens: “Eu senti que o tom da conversa mudou um pouco, como se ela tivesse querendo falar... ela não falou exatamente assim: ‘Ah, é errado’, mas ela meio que queria embutir na minha cabeça que o que eu fazia era algo muito perigoso”. Gilberto relata que se sentira “julgado”, ainda mais que nesse momento estava exposto às ansiedades advindas da busca por esse tipo de exame de saúde, o que demandaria um acolhimento mais respeitoso, como previsto na Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. (BRASIL, 2013)

Já Lucas considera que sempre fora respeitado durante os atendimentos prestados a ele, no que diz respeito à sua sexualidade. No entanto, relaciona o tratamento cordial dos profissionais de saúde com a postura que assume, como paciente, nos serviços de saúde que utiliza. O jovem exemplifica contando sobre as vezes em que fora doar sangue: “Eu tento me comportar de uma maneira talvez mais heteronormativa, justamente para poder realizar a doação de sangue. Porque a gente sabe que é complicado ainda, mesmo que já tenha avançado em relação às políticas, mas ainda se sabe que na prática não funciona assim”.

Portanto, podemos formular que a possibilidade de Lucas doar sangue não significa, necessariamente, a compreensão dos profissionais de saúde no que diz respeito à sua sexualidade e aos seus direitos como homem homossexual. Mas esta é, possivelmente, fruto do seu simulacro da masculinidade e sexualidade esperadas, ou seja, da omissão dos seus modos de ser homem que transgridem a hegemonia, tendo em vista que, como apontado por Souza e colaboradores (2020, p. 93), “[...] muitos homossexuais negam sua sexualidade para exercerem cidadania baseada na benevolência de suas doações”.

Cabe lembrar que, no Brasil, os homens homossexuais e demais HSH foram, por um longo período e de forma institucionalizada pelo Ministério da Saúde e pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), impedidos de doar sangue. (BRASIL, 2020) Esta restrição era baseada em estigmas relacionados ao comportamento sexual desses homens, tendo em vista que um dos critérios de aptidão para doação de sangue, presentes na Portaria N° 158, de fevereiro de 2016, do Ministério da Saúde, se dava com base na orientação sexual dos possíveis doadores e



não somente na existência de comportamentos de risco, como, por exemplo, o sexo desprotegido, sem o uso de preservativos, que pode ocorrer em relações sexuais das mais diversas orientações sexuais, inclusive heterossexual. (BRASIL, 2020; SOUZA *et al.*, 2020)

3.2.2.4 Na cidade

Como último subtópico, temos a relação com a cidade, nos espaços públicos (por exemplo, em ruas e praças) e privados, mas acessíveis ao público (como shoppings centers). Sobre os vínculos com os demais, nos espaços supracitados da região metropolitana da cidade, três dos participantes contam ter passado por violências homofóbicas. Guilherme dissera: “Eu estava com um ficante na praça e chegou um cara e disse: ‘Você sabia que Deus não acha isso certo, né? Não sou eu que tô dizendo, é Deus que fala isso’”. Ou seja, nesta situação, novamente a religião de outrem fora utilizada para contestar a sexualidade do jovem homossexual, ainda que este desconhecido não tivesse sido consultado.

Acontecimento semelhante fora relatado por Júnior: “Eu tava de mãos dadas no centro com meu ex, e um cara falou: ‘Que nojento’”. Em outra situação, fora impedido de trocar carinhos com o mesmo rapaz em um shopping center da cidade: “Eu tava com ele num shopping, tava eu e ele na praça de alimentação, a gente tava de mão dada e se beijando, normal. Aí o guarda bateu a mão assim e tipo: ‘Ê, para, para com isso daí’”. Assim como Guilherme e Júnior, Gilberto também reconhece perceber os olhares de reprovação de pessoas que se incomodam com o fato dele andar pela cidade de mãos dadas com o namorado.

Desta forma, três dos participantes relataram a presença de desconfortos de sujeitos para com os seus modos de ser no perfil amoroso, junto a outros homens. Desconfortos estes que não foram mantidos no nível da cognição, tendo em vista que foram manifestos por meio de olhares, chamadas de atenção e gritos de ofensa. Tal dado comprova que a homofobia não se define somente como um medo fóbico, mas como um ataque a outros modos de ser que tensionam certezas sobre as sexualidades, como define Borrillo (2010).

Logo, a cidade se configura como um território de poucas regiões seguras e de muitas zonas de risco. Nesse contexto, as liberdades dos sujeitos não heterossexuais passam a ser cerceadas pelas liberdades que violentam estes corpos, das formas mais brandas às mais grotescas, por meio das tentativas de constrangimento, silenciamento ou mesmo do aniquilamento, como fica explícito nas estatísticas apresentadas na introdução desse artigo.

Sobre isso, Guilherme diz:

Então, hoje eu gosto de me vestir, de pintar unha, de às vezes usar maquiagem, mas eu ainda tenho um receio muito grande de mostrar isso para um público que não é minha



comunidade [...] se fosse numa balada LGBT, eu sei que vai ter mais gente da minha comunidade, que eu vou estar abraçado por essas pessoas ali. Eu vou me sentir muito mais tranquilo do que se eu andar, por exemplo, na rua de unha pintada.

Portanto, a sensação de proteção experienciada por Guilherme, no que diz respeito à relação com a cidade, parece estar limitada a certos microterritórios, ocupados majoritariamente por pessoas LGBTQIA+.

Levando em consideração o que fora supracitado, mostra-se interessante relacionar o relato a um estudo, realizado em uma capital do sul do Brasil, por Toneli E Perucchi (2006). As autoras perceberam uma lógica paradoxal nos espaços de proteção das sexualidades não hegemônicas, tendo em vista que este tipo de espaço:

[...] carrega o paradoxo de ser simultaneamente espaço de proteção e de exclusão. Dentro dos limites da boate os frequentadores têm a liberdade para agirem de acordo com seus interesses e desejos, estando protegidos de agressões e manifestações de preconceito. Essa liberdade, contudo, se restringe a esse espaço (p. 41).

Sendo assim, ainda relacionado com a obra das mesmas autoras, apesar destes espaços serem possíveis mediadores para o processo de constituição dos sujeitos homossexuais, estes se mostram insuficientes, tendo em vista que suas vidas não se limitam aos espaços de lazer, já que cada um se constitui mediante um conjunto de relações. Ou seja, além de frequentadores dessas festas, são trabalhadores, estudantes, usuários de diversos serviços, cidadãos e, conseqüentemente, seus movimentos envolvem o restante da cidade, onde nem sempre podem se sentir seguros. As falas dos entrevistados demonstram que vivenciam efetivamente este contexto. Guilherme revela sentir “um receio” e “muito medo” do que possa lhe acontecer ao circular pela cidade. Gilberto menciona que, principalmente em locais de maior movimentação, não se sente confortável em estar abertamente com o namorado. Júnior relata que, frente aos acontecimentos supracitados, sentiu-se “humilhado”, “como se estivessem fazendo alguma coisa errada”.

3.3 Nossas resistências: modos de ser frente à homofobia e às masculinidades hegemônicas

Tudo indica que, ao longo de toda a trajetória existencial dos jovens entrevistados, estiveram presentes emoções e compreensões emancipadoras e cerceadoras de seus modos de ser no campo da sexualidade. Foram percebidas em suas narrativas, principalmente, as dificuldades enfrentadas por eles e por outros sujeitos homossexuais frente a padrões bastante rígidos do que é ser homem, mas também constatam-se as resistências quando cada um deles sustenta e manifesta o desejo homoafetivo e homossexual para com outros corpos e busca, mesmo que com um campo restrito,



saídas para viver com maior legitimidade e de acordo com o que acredita e deseja.

Este aspecto pode ser identificado, por exemplo, em relação à estética do corpo. É perceptível que em nossa cultura, muitos homens acabam por se afastar daquilo que é lido socialmente como feminino nas vivências estéticas, tais como: o cuidado do corpo e o ato de enfeitá-lo com certas peças e cores de roupa, o uso de acessórios como brincos, cosméticos, maquiagens e esmaltes para as unhas. Entretanto, para a maioria dos entrevistados esses objetos se mostraram mediadores na constituição de suas masculinidades e projeto de ser. De acordo Guilherme “[...] a minha forma de pintar unha, de usar maquiagem, de usar roupa mais feminina, é uma forma de estender a minha personalidade, sabe?”. Este conta que não fora sempre assim, tendo em vista que no passado achava esta estética bonita, mas em outros corpos que não o seu. Gilberto e Júnior contam que no passado também se limitavam no que diz respeito à estética de seus corpos, mas que atualmente vestem aquilo que desejam.

As resistências também são observadas por meio de ações como o reconhecimento da necessidade do cuidado de sua saúde mental frente a uma sociedade estruturalmente homofóbica: a busca por psicoterapia de forma direta e indiretamente relacionada com situações de *bullying* e de outras violências relacionadas às suas homossexualidades; o próprio desejo de compartilhar a sua intimidade com seus familiares; a percepção da importância de uma rede sociológica que lhes possibilite a experiência de pertencimento. Vimos que as formações de laços de amizade, mais ou menos estreitos, para com outros sujeitos homossexuais ou não heterossexuais e/ou cisgêneros, foram mencionadas por todos os entrevistados. Essas relações parecem lhes conferir certa proteção, por meio do acolhimento psicológico e até mesmo financeiro, seja no dia a dia ou frente às vivências da homofobia. Todos os entrevistados consideraram os amigos como sendo suas maiores fontes de apoio, seguidos de alguns dos membros de suas famílias de origem que aceitaram suas homossexualidades.

Além disso, todos os entrevistados mostraram conhecer, ainda que de forma superficial, a existência de alguma legislação relativa aos seus direitos como homens homossexuais, como por exemplo a que equipara a homofobia ao crime de racismo, referindo-se ao enquadre na Lei Nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989 (BRASIL, 1989), ou da doação de sangue por parte dos homens homossexuais e HSH (BRASIL, 2020). Quanto aos direitos dos homens homossexuais, estes acreditam que ainda que tenham sido ampliados ao longo dos anos, continuam a ser insuficientes frente a uma realidade acerca de notícias sobre violência.

Ou seja, por meio de uma posterior reflexão crítica dos contextos em que estiveram inseridos ao longo de suas trajetórias existenciais (MAHEIRIE, 2002), estes têm o desafio constante



de superar os processos de cerceamento de possibilidades de viver os amores, a sexualidade e uma possível estética que lhes interessa. Assim, os sujeitos da pesquisa revelam a busca por se posicionar rumo à realização de um projeto de ser mais condizente com seus desejos, que está sempre em curso, tendo em vista que o ser se faz por meio de suas ações no mundo, se fazendo inacabado (SCHNEIDER, 2011), inclusive no que diz respeito às suas sexualidades que, como visto, contam com um caráter transitório e não cristalizado (LOURO, 2018b).

4 Considerações finais

Esta pesquisa pode ser descrita como uma tentativa de compreender algumas das incontáveis implicações da homofobia na saúde mental de jovens que se experienciam como homens homossexuais, com base nos relatos dos universitários. Considera-se que este fim fora alcançado, ainda que com as limitações de um estudo transversal. Ao longo dos relatos, tornou-se evidente a existência de violências motivadas pela heteronormatividade e pela homofobia, diante das quais, de forma mais ou menos branda, todos os entrevistados se mostraram afetados em ao menos um momento de suas trajetórias.

Fora, em alguns momentos, identificado na fala dos participantes um discurso sobre reconhecerem-se como sendo privilegiados, percepção esta advinda da possibilidade de não terem vivenciado casos de violência física ou de rompimento de vínculos familiares frente à revelação da homossexualidade. Ainda que todos tenham relatado ao menos um episódio em que foram alvo de *bullying* escolar ou de violência psicológica e moral em outros contextos, em decorrência de sua sexualidade, estes não foram mencionados como geradores de tanto sofrimento em comparação a uma possível posição radical dos familiares ou de uma violência física. Problematiza-se que esses tipos de episódios podem ser igualmente danosos para os sujeitos, tendo em vista que também se configuram como ataques homofóbicos e podem comprometer, em menor ou maior medida, a realização de seus projetos de ser.

Mostra-se pertinente a condução de futuras pesquisas que se atentem a jovens homossexuais atravessados por outros marcadores sociais de raça, etnia, classe e geração, tendo em vista que todos os entrevistados desta pesquisa se autodeclararam como sendo homens cisgêneros, jovens, brancos e estudantes universitários, o que inegavelmente lhes garante vivências sociomateriais específicas, privilegiadas, que podem não se assemelhar à de jovens homossexuais não cisgêneros, não brancos e de diferentes camadas populares e idades.

Além disso, foram percebidas semelhanças e diferenças nas trajetórias contadas, de forma que o entendimento do sujeito como sendo um singular/universal, presente nas obras de Sartre e de



autoras comentadoras, fora evidenciado. Por isso, nota-se o existencialismo sartriano como sendo uma teoria potente para o debate acerca da constituição dos sujeitos atravessados pela vivência de sexualidades contra-hegemônicas, já que refuta o simplismo das tão disseminadas identidades universais, inclusive sexuais. Mostrou-se bastante produtivo o encontro entre as teorias do existencialismo sartriano e de estudos contemporâneos críticos sobre gênero e sexualidade, de forma a um complementar o outro no que diz respeito ao estudo das biografias em relação à vivência da sexualidade e do gênero por parte desses jovens. No entanto, este debate está longe de ser encerrado, tendo em vista a brevidade deste artigo e a necessidade de maiores estudos dialógicos entre as teorias supracitadas.

Deseja-se que esta pesquisa contribua para a formulação de outros tantos estudos, de modo que a teoria sartriana permeie ainda mais os debates sobre a homofobia, sobre as masculinidades em sua pluralidade e também sobre a LGBTQIA+fobia, de forma compromissada com o combate à estigmatização de modos de ser, que acarreta um sofrimento já mencionado, conhecido como ético-político. Esta pesquisa pretendeu se comprometer também com a afirmação de novos modos de se produzir conhecimento e cuidado em psicologia, distintos das práticas patologizantes que se fizeram e se fazem presentes na realidade da profissão, além de uma fantasiosa neutralidade científica que acaba por ser conivente com os investimentos esquadrihadores de modos não hegemônicos de ser no mundo.

Por fim, cabe dizer que a ciência psicológica é um território de disputas entre as compreensões críticas e conservadoras da realidade, sendo um dever de profissionais psicólogas(os) engajarem-se em estratégias de cuidado nos mais diversos contextos sociais – seja como servidoras(es) do Estado: na saúde pública, na assistência social e na educação, por meio da promoção de diálogos acerca das sexualidades não hegemônicas e da luta pela consolidação de políticas públicas emancipadoras dos sujeitos socialmente marginalizados, ou em consultórios bem decorados e localizados, tencionando, em atendimentos individuais e familiares, certezas sobre o gênero e a sexualidade, que são passadas de geração em geração, como uma herança, ou uma maldição, que faz doer.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.



BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716compilado.htm. Acesso em: 08 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa*. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 158, de 4 de fevereiro de 2016. Redefine o regulamento técnico de procedimentos hemoterápicos. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2016/prt0158_04_02_2016.html. Acesso em: 27 abr. 2021.

BRASIL. Superior Tribunal Federal. *Proibição da doação de sangue por homens homossexuais é inconstitucional, decide STF, 2020*. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=443015&ori=1>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 191-219.

CASSAL, Luan Carpes Barros; GONZALEZ, Aline Monteiro Garcia; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. *Psico*, v. 42, n. 4, p. 465-473, 2011.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs. *Conselho Federal de Psicologia*, Brasília, 2019.

DEPARTAMENTO de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde. *Testes Rápidos*, 2021. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/profissionais-de-saude/testes-rapidos>. Acesso em: 01 nov. 2021.

FONTELLES, Mauro José *et al.* Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para elaboração de um protocolo de pesquisa. *Revista Paraense de Medicina*, v. 23, n. 3, p. 69-76, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUÉRCIO, Patrícia Moura da Silva. *História da Aids no Brasil*, 2021. Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/ss/aids_dst/arquivos/historia_brasil.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade*



e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018a.

LOURO, Guacira Lopes. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018b.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002.

MAHEIRIE, Kátia; PRETTO, Zuleica. O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. *Rev. Dep. Psicol.*, UFF, v. 19, n. 2, p. 455-462, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Homossexualidade e família de origem: a perspectiva de homossexuais masculinos. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 6 n. 4, p. 735-745, 2018.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos; MOTT, Luiz. *Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: relatório do Grupo Gay da Bahia*. 1. ed. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

PRETTO, Zuleica. A infância como acontecimento singular na complexidade dialética da história. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. 3, p. 623-630, 2013.

SANTANA, Alef Diogo da Silva et al. Dificuldades no acesso aos serviços de saúde por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. *Revista de Enfermagem UFPE Online*, v. 14, n. e243211, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/243211>. Acesso em: 6 jul. 2023.

SANTOS, Daniel Kerry. As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia. *Revista Epos*, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. *Questões de método*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

SAWAIA, Bader. (org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Sartre e a psicologia clínica*. 1. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

SOROFOBIA e diagnóstico tardio: barreiras na luta contra o HIV. *Agência de Notícias da Aids*, 2020. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/sorofobia-e-diagnostico-tardio-barreiras-na-luta-contra-o->



hiv/. Acesso em: 01 nov. 2021.

SOUZA-JÚNIOR, Edison Vitório et al. Proibição de doação sanguínea por pessoas homoafetivas: estudo bioético. *Revista Bioética*, v. 28, n. 1, p. 89-97, 2020.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; PERUCCHI, Juliana. Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 3, p. 39-47, 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 43-104.

